

O "TELHADO DE VIDRO" de Maria Helena Garcez

(notas para uma leitura)...

Haquira Osakabe

IEL - UNICAMP

No poema "Pour épater le bourgeois", Maria Helena afirma uma curiosa profissão de fé: não sacrifica a verdade à poesia, luta para que esta não se torne para ela causa de juízo e condenação, tentando uma hierarquia em que Deus ocupe o primeiro dos lugares. Logo, lê-se que Deus e verdade não necessariamente se confundem com o poético. Mas recente livro de poemas da autora (Telhado de Vidro, João Scortecchi Editora, S.P. 1988) vem mostrar justamente o contrário.

A boa poesia de Maria Helena, a Garcez, como é bom falar-lhe nos plurais encontros que infelizmente ter sido tão raros, é uma poesia de compromisso com os dois parâmetros: Deus e verdade. Embora não se possa denominá-la de devoção, os textos de Maria Helena constroem-se a partir do princípio da experiência quase sagrada que vem capturar o humano e com substâncias e formas tão variadas. Por que quase sagrada? Porque resvala por aquela espécie de estado de revelação em que a boa tradição da poesia mística monta seus alicerces ("o centrípeda te cola ao Senhor"). Nesse sentido a grande maioria dos textos parece resultar desse processo que procura cristalizar com exatidão "o que vem" ("Um bom enquadramento é tudo/Aura a envolver/Moldura de sonho./") O que resulta é um conjunto bastante homogêneo em matéria de qualidade e que transparecer instantâneos de distinta orientação. Às vezes desgarradas ("Enviar certas cartas/é lançar-se no trapézio,/ confiar na sincronia do parceiro./ Se falha/ é o estalo,/ o chão vertiginoso como um muro-/"). Às vezes irônicos ("Ao chegar do velório de teu pai encontrei um telegrama de felicitações/Havia sido premiada num concurso de poesias"). Às vezes espantados ("Eu te dei conta do torrente/Haverá outros analogamente únicos/ Aquele/ Não mais./") e outras vezes, humorados ("viver 50 anos em São Paulo City/Morrer em Pirapora/atropelada")- E outras vezes ainda, impacientes-- humanamente ("Dentro a voz engrolada persiste em insistir,/ Nitidamente o pássaro em rir reclama:/ Éta arguição besta!/ Tese sobre o Drummond...")

Como se vê o emolduramento de que a autora fala, varia o foco, repõe alternâncias como alternante é a própria vida. Maria Helena parece no fundo não que-

rer deixar fugir os instantes que o descenso do sacro eleva e compromete o espírito com o que ela chama Deus ou verdade. Mesmo que não professe, sua poesia é inelutavelmente a desse compromisso. Claro que é um Deus complacente ("Se não tiverdes em conta a Tua misericórdia,/ Senhor,/ Senhor, que Te alcançará?") e é claro que é uma verdade múltipla ("No interlúdio/um oceano / e muitas ficções") talvez tradições de uma linhagem que nos venha d'além mar, mas que aqui se traduza numa lírica menos trágica, do que a ibérica, mas que guarda dela uma dicção similar na sua extração mais profunda de raízes e que se reverá (no plano da interlocução) com a brasileira propensão à blague e à ironia. Um jeito especial de conviver com as verdades.

A título de ilustração, alguns dos poemas desse livro que não decepcionará a ninguém.

#### SAMBA DO ARNESTO

Não sei como era o amor nos tempos do cólera.  
Nos tempos da aids, vamos sabendo aos poucos.  
Diz-se não importar que o amado arranje outra.  
O que se exige é o recado na porta.

#### À MANEIRA DO GUARDADOR

Minha mãe diz que sou sentimental  
porque meu nariz é comprido.  
Direi, porém, com Caetano,  
que o que há são duas coisas:  
eu sou sentimental;  
eu tenho o nariz comprido.

#### DOS OLHOS DE DEUS

Sou um piano velho  
e desafinado  
onde Deus arrisca ser um virtuose.

## MEMÓRIA

Já é passado um ano, meu pai.  
A mãe continua cá, do jeito de sempre.  
Melhor, talvez.  
Hoje disse "A Vila de Itaboraí" de cor.  
Quando te lembro, às vezes digo:  
"Se lá no assento etéreo, onde subiste,  
Memória desta vida se consente"  
Perdoa-re, pai, o ser tão literária.

## PROVA DE FOGO

Quer nunca foi tentado, o que pode saber?  
É o Senhor quer leva ao sepulcro e dele tira.  
Todo Poderoso ter resto de o ser.  
O risco que corro, no entanto,  
é de roer de cura.  
(Viver é resto muito perigoso...)  
Quer nunca estive entre a cruz e a caldeirinha,  
o que pode saber?  
Embarquei no circular Liberdade,  
desde a Luz.  
(Era, aliás, a única linha e nela embarcamos todos.)  
Só Tu a re veres em trânsito desde o início.  
Todos os raios,  
apanhar o meu bonde andando,  
sentar-se raios ou renos tempo ao meu lado,  
mas a maioria ficou resto pelos estribos...  
(- Ele era uma lâmpada ardente e luminosa.  
Vós, porém, só por instantes, quisestes gozar da sua luz -)  
Eu, o que sou?  
Tu a única testemunha de cabo a rabo.  
- Esta é uma prova de fogo! -  
Na pia do lavabo há duas torneiras.  
Qual delas farei rinha não abrir?